

ITZIAR
ZIGA



A FELIZ E
VIOLENTA VIDA
DE MARIBEL ZIGA

ORFEU
NEGRO

ESTE LIVRO BENEFICIOU DE UM APOIO DO PRR, NO ÂMBITO
DA MEDIDA DE INTERNACIONALIZAÇÃO, MODERNIZAÇÃO
E TRANSIÇÃO DIGITAL DO LIVRO E DOS AUTORES.



TÍTULO ORIGINAL

La feliz y violenta vida de Maribel Ziga

AUTORA

Itziar Ziga

TRADUÇÃO

Margarida Amado Acosta

REVISÃO

João Berhan

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

DESENHOS

Fátima Moreno

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Europress — Indústria Gráfica

COPYRIGHT

© 2020 Itziar Ziga

Obra publicada originalmente por Editorial Melusina, S.L.

© 2026 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Fevereiro 2026

DL 559531/26

ISBN 978-989-9225-45-9

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 — 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

ÍNDICE

1. AMOR E MORTE	
Jimmy Somerville canta na nossa despedida	9
2. PLENITUDE E VIOLÊNCIA	
A feliz e violenta vida de Maribel Ziga	21
3. POBREZA E SOBREVIVÊNCIA	
O operário é dono dos meios de produção mas é o caralho. A mais-valia do patriarcado	85
4. REVOLUÇÃO	
Afinal, o patriarcado é que era o ópio do povo	107
Tão forte que nem parece que é forte*	151
Agradecimentos	155
Contra-agradecimentos	159

* Texto publicado originalmente na plataforma naiz.eus, a 23 de Maio de 2024,
e incluído nesta edição a pedido da autora. (N.E.)

*À minha irmã Ainhoa,
pela nossa jovial sobrevivência, juntinhas.*

*À Maria Jiménez, à Tina Turner,
à Emma Gutiérrez Vallejos,
à Hilaria del Bosque Hermoso, à Moni Nahia,
a todas as mulheres corajosas que,
como a minha amato¹,
sobreviveram ao amor patriarcal
conservando toda a sua luz intacta.*

*E,
claro,
às que não sobreviveram...
Vingaremos a vossa morte destruindo o patriarcado!*

*À Beatriu Massià, às mulheres da Tamaia,
AO FEMINISMO.*

E à Madonna Louise Veronica Ciccone, sempre...

¹ «Mamã» em basco ou *euskera*. (N.T.)

1. AMOR E MORTE

**Jimmy Somerville canta
na nossa despedida**



A única anormalidade é a incapacidade de amar.

ANAÏS NIN

Bordo-me em cicatrizes...

*A cicatriz como lugar de reconhecimento,
como afectação criativa da sobrevivência
e ponto de fuga para uma aliança de frágeis.*

BÁRBARA MURIEL

Se te entregares ao vento, conseguirás cavalgá-lo.

TONI MORRISON

Enquanto a minha mãe entrava em coma irreversível no hospital, Jimmy Somerville cantava-me em sonhos. *You may break the skin but you can't kill the soul. I've had all I can take. I'm leaving tomorrow...* Acordou-me a mensagem fatal da minha irmã, que nessa noite estava com ela. Está outra vez nos cuidados intensivos, paragem cardiorrespiratória. Soube que era o fim. Quando saiu de casa para o hospital com a María, Janeiro desfraldava um amanhecer cor-de-rosa

brilhante e os acordes épicos da canção ainda soavam dentro de mim. Nunca mais voltei a vê-la consciente.

Eu e a minha *amatxo* adorávamos *The Communards*, música disco combativa. E ela achava imensa graça à maneira como o Jimmy Somerville se mexia, fazia-lhe lembrar uma lagartixa. Sinto que esse maricas insolente com voz de contratenor que cantava contra a homofobia, contra a crueldade e contra a Thatcher é responsável pela banda sonora da despedida mais difícil da minha vida, e estar-lhe-ei sempre agradecida por isso. Porém: seis anos depois, ainda me custa ouvir a *Tomorrow*, uma das minhas canções preferidas desde criança, mesmo que muitas vezes a ouça dentro de mim e me enleve.

Morreu poucas semanas depois, no final de Janeiro. Disse-lhe que podia partir, que eu e a Ainhoa ficávamos bem, que não ia deixar a Ainhoa sozinha, que o seu amor precioso e não asfixiante de mãe nos tinha predisposto para a procura da felicidade... Apoiei a minha testa na sua testa, olhei para os seus olhos de mel velados pelo coma e falei-lhe daquela tarde. Verão, 1987. De repente, decidimos deitar-nos no terraço acanhado, nunca o tínhamos feito, pelo que fomos a correr buscar o meu colchão. Era uma dessas mães traquinas que fazem coisas que se consideram próprias de crianças, as mais divertidas. Não conseguíamos parar de rir. Espiávamos os transeuntes por um buraquinho dos tijolos e gritávamos-lhes coisas

absurdas. A Ari juntou-se a nós, eufórica, e ali permanecemos as três, a mãe, a filha e a cadela, a flutuar na felicidade absoluta. Recordei aquela tarde radiante quase trinta anos depois e disse-lhe que podia partir.

Estávamos em paz com os nossos demónios e com a violência do meu pai.

...

As enfermeiras tinham acabado de retirar toda a tralha médica que a mantivera viva enquanto se ia apagando. Eram três ou quatro, acompanharam-nos nas últimas semanas com esse saber-fazer, tão enérgico quanto delicado, graças ao qual amarei para sempre as profissionais de enfermagem. Ao ver-me, saíram sem dizer uma palavra. Acompanharam, sigilosas e presentes, a dor e o amor imensos do momento: jamais me esquecerei da sua coreográfica retirada. Deixaram-me, a mim e à María, com a minha *amatxo*.

Estava nua e esplêndida, já sem tubos nem fios nem agulhas nem gases, em paz. É verdade que arrefecemos depressa quando morremos. Acariciei-a, beijei-a, deleitei-me olhando para ela. Aquelas pálpebras de atriz dos anos dourados de Hollywood. Providencialmente, tínhamos licor de mandrágora num cantil de bolso e, por isso, salpicámos a sua pele sedosa para a lambermos. As mamas dela, a barriga, o umbigo. Beije a saliência de carne de onde saí há 39 anos. A María disse: até a vossa cona é igual!

A *ama*¹ teria adorado este ritual de bruxas tão improvisado quanto ancestral. Honrar o corpo da minha mãe e despedir-me dela assim foi das coisas mais belas que vivi. Sou adoradora porque a minha *amatxo* me ensinou a amar.

Em Junho de 2008 estive a um suspiro da morte. Regressou e eu regresssei para junto dela. Eu vivia plena e feliz em Barcelona desde 2000, nunca me passou pela cabeça ir-me embora, mas não hesitei um segundo em voltar para Iruñea² para fruir da minha maravilhosa progenitora quando a vida nos deu um prolongamento. Mais um.

Embora perdê-la me tenha doído em lugares que nem sequer sabia que existiam, e embora saiba que a evocarei até ao meu último sopro, tenho a certeza de que morreu num momento crítico para ela: não teria gostado de continuar a viver com um nível de dependência cada vez maior. Antes de ser internada no hospital por insuficiência respiratória em finais de 2013, já lhe custava demasiado atravessar o corredor para ir sozinha à casa de banho. Não queria morrer, mas também já não desfrutava tanto da vida com a perda inexorável de mobilidade. Ela, que sulcou as mil escadas e as encostas alucinantes de Rentería empoleirada nos seus saltos-agulha de nove centímetros *parabellum*.

¹ «Mãe» em *euskera*. (N.T.)

² Pamplona em *euskera*. (N.T.)